

Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: Revelando vivências de acadêmicos de enfermagem pelo *photovoice*

Emergency remote teaching in times of pandemic: Revealing the experiences of nursing academics through photovoice

Daiane Ribeiro Lemes¹, Debora Cristina Martins², Diego Raone Ferreira³

RESUMO

Introdução: O distanciamento social adotado como estratégia para frear as infecções pelo coronavírus provocou mudanças radicais na dinâmica em vários setores da sociedade, sobretudo no campo da educação, à medida em que as aulas presenciais foram convertidas para o ensino remoto emergencial. **Objetivo:** Compreender o ensino remoto emergencial adotado no período de pandemia a partir das concepções de acadêmicos de um curso de enfermagem. **Metodologia:** Estudo participativo, descritivo, de natureza qualitativa, desenvolvido com acadêmicos de um curso de enfermagem com auxílio da técnica de recolha de dados *Photovoice*. A coleta de dados ocorreu em novembro de 2021. **Resultados:** A amostra foi composta por 34 acadêmicos do curso do segundo, sexto e décimo período de um curso de enfermagem, sendo 29 do gênero feminino (85%) e cinco do masculino (15%), os quais foram divididos em grupos focais. Os participantes produziram 34 fotografias que deram origem a três categorias temáticas: a parte mais importante da enfermagem é a prática; contribuições do modelo remoto emergencial para o ensino de enfermagem; e dificuldades sentidas por discentes e docentes durante o ensino remoto emergencial. **Considerações finais:** O ensino remoto emergencial mostrou-se como um potencial recurso para continuidade do ensino em cenários de pandemia.

Palavras-chave: Educação em enfermagem. Covid-19. Educação à distância. Tecnologia da informação.

ABSTRACT

Introduction: The social distancing adopted as a strategy to curb coronavirus infections has brought about radical changes in dynamics at all levels of education worldwide, as in-person classes have been converted to emergency remote learning in most countries. **Objective:** To understand the emergency remote teaching adopted during the pandemic from the conceptions of academics of a nursing course. **Methodology:** Participative, descriptive, qualitative study, developed with students of a nursing course with the aid of the *Photovoice* data collection technique. Data collection took place in November 2021. **Results:** The sample was composed of 34 students from the second, sixth and tenth period of a nursing course, 29 females (85%) and five males (15%), who were divided into focus groups. The participants produced 34 photographs that gave rise to three thematic categories: the most important part of nursing is practice; contributions of the emergency remote model to nursing education; and difficulties experienced by students and teachers during emergency remote teaching. **Final considerations:** Emergency remote learning has proven to be a potential resource for continuing teaching in pandemic scenarios.

Keywords: Nursing education. Covid-19. Distance education. Information technology.

¹ Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Apucarana (FAP).
Orcid: 0009-0002-2742-7939
E-mail: daianeribeirolemes@hotmail.com

² Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (PSE-UEM).
Orcid: 0000-0003-4226-5288
E-mail: martinsdebora344@gmail.com

³ Doutor em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (PSE-UEM).
Orcid: 0000-0001-7633-2085
E-mail: raonediego@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A sociedade enfrentou e ainda vêm enfrentando resquícios de uma doença que se espalhou pelo mundo de forma instantânea e deixou marcas profundas no âmbito da saúde, economia, política e educação. Os primeiros casos foram registrados no findar de 2019, na cidade de Wuhan na China, por meio da propagação de um vírus com potencial de infectar o trato respiratório pelo contato direto ou indireto com secreções contaminadas, denominado Coronavírus, que logo tornou-se uma emergência sanitária global¹.

A infecção pelo vírus pode desencadear quadros assintomáticos, brandos ou graves, como um resfriado comum ou uma Síndrome Respiratória Aguda (SRAG), tendo como manifestações clínicas o desconforto respiratório, febre, tosse seca, obstrução nasal e inflamação da garganta e, casos mais raros de problemas gastrointestinais, que incluem diarreia, náuseas, vômitos e dores abdominais. Em meados de 2020, o *International Committee on Taxonomy of Viruses* (ICTV) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) nomearam a doença como SARS-COV-2 e COVID-19^{1,2}.

O Brasil registrou um total de 37.789.040 casos e 705.494 óbitos acumulados pela doença, até setembro de 2023. Os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul foram os mais afetados a nível nacional, com 6.666.218, 4.209.719 e 3.054.250 casos confirmados e 181.119, 67.740 e 42.436 óbitos, respectivamente. Em consonância, o Estado do Paraná teve um número de 2.952.766 indivíduos positivados para COVID-19 e 46.492 mortes, despertando atenção³.

Com este cenário o país entrou em estado de emergência e o distanciamento social passou a ser adotado como estratégia para frear o número de infecções pelo vírus, tendo seus comércios fechados e as aulas presenciais de toda a rede de ensino suspensas, de acordo com a recomendação da OMS. A suspensão das atividades letivas afetou diretamente mais de 70% da população acadêmica e desencadeou mudanças inimagináveis ao processo de ensino e aprendizagem e dinâmica de vida dos alunos, sobretudo com a adoção do ensino remoto emergencial⁴.

Isso pois, a comunidade acadêmica ficou à mercê de uma nova realidade, a qual fez com que os métodos tradicionais fossem convertidos para o formato *online* de ensino, de modo que os estudantes não perdessem seu vínculo, mesmo que provisoriamente. Inicialmente, a Portaria Nº. 343 de 17 de março de 2020 e a Medida Provisória Nº 934 de 1 de abril de 2020 determinou um período de trinta dias, contudo, houve prorrogações. O

caráter emergencial e transitório do ensino remoto o diferencia da Educação à Distância (EAD), mesmo que ambas as mediações aconteçam por intermédio de tecnologias digitais^{4,5}.

As emergências sanitárias e a demanda pelo ensino remoto emergencial podem acontecer a qualquer momento e em diferentes circunstâncias, e nem sempre os países estão preparados para enfrentá-las. Por esse motivo, problematiza-se para este estudo a seguinte questão: qual a contribuição do ensino remoto emergencial na formação de acadêmicos de enfermagem em tempos de pandemia?

Aprofundar o conhecimento acerca das tecnologias de ensino em tempos de pandemia permite compreender a sua relação e influência no processo de ensino e aprendizagem de acadêmicos a partir das vivências de um curso de enfermagem e das possíveis fragilidades e potencialidades identificadas, no sentido de preparar e capacitar a comunidade acadêmica frente a ocorrência de outros contextos emergenciais.

O presente estudo tem como objetivo compreender o ensino remoto emergencial adotado no período de pandemia a partir das concepções de acadêmicos de um curso de enfermagem.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo participativo, de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de uma técnica de coleta de dados denominada *Photovoice*, proposta por Caroline Wang e Mary Ann Burris em 1997, cuja qual permite o registro de realidades cotidianas em fotografias participativas como forma de estimular o pensamento crítico e as concepções de grupos específicos sobre um determinado fenômeno⁶.

As fotografias participativas possuem três objetivos principais, quais sejam: estimular a reflexão dos participantes acerca dos acontecimentos que preocupam suas comunidades; fomentar o debate e a concepção coletiva sobre tais questões a partir da discussão das imagens em pequenos ou grandes grupos; incentivar a formulação de políticas e intervenções. Para que se alcance este nível de efetividade, é preciso construir registros fotográficos que delineiem as características das questões problematizadas, associando os significados atribuídos a sua produção^{6,7}.

A amostra foi composta por 34 acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem, os quais foram eleitos pelo critério: estar regularmente matriculado no segundo, sexto ou décimo período do curso e ter frequência regular nas aulas. A escolha

pelos respectivos períodos foi baseada na vivência acadêmica dos acadêmicos com o ensino remoto emergencial nas principais fases do curso, com a expectativa de identificar diferentes sentimentos e inquietudes. Os participantes que não atenderam o convite em até três chamados e não percorreram todas as fases tiveram a participação desconsiderada.

O estudo foi desenvolvido em uma instituição de ensino superior privada localizada na região Norte do Paraná, com 12 cursos nas áreas de exatas, humanas, saúde e engenharias. O curso de Enfermagem possui uma grade curricular de 4013 horas-aula com 50 créditos a serem cursados no prazo de cinco anos, tendo sido autorizado em 2001 e reconhecido em 2006 pelo Ministério da Educação.

A coleta de dados ocorreu em novembro de 2021 em uma sala reservada disponibilizada pela própria instituição, seguindo um cronograma estabelecido com a coordenação do curso de modo a não causar prejuízos acadêmicos aos participantes, por meio de cinco encontros. Os participantes foram organizados em grupos focais de até sete membros pelo critério de afinidade, formando de um a dois grupos por período, os quais foram abordados em horários distintos previamente agendados.

Inicialmente, foi reservado um momento para apresentação da proposta de pesquisa, dos preceitos éticos e esclarecimento de dúvidas. Após a anuência, os participantes responderam à um questionário de caracterização sociodemográfica e receberam instruções e preparo para o desenvolvimento para a obtenção de fotografias, como: prezar pela originalidade da fotografia e respeitar a privacidade da identidade de pessoas, marcas e instituições. O *Photovoice* foi conduzido mediante a um roteiro semiestruturado com questões que versavam sobre as imagens e o tema em investigação.

Os participantes foram provocados a percorrer o território acadêmico e registrar com o uso de seus *smartphones* imagens representativas do ensino remoto emergencial em tempos de pandemia de COVID-19, individualmente. Em seguida, as fotografias obtidas foram apresentadas e debatidas no âmbito de cada grupo focal que, consensualmente, selecionou uma delas para representar a concepção coletiva sobre o tema.

As imagens selecionadas foram projetadas com auxílio de recursos audiovisuais e a narrativa por meio delas obtidas foram gravadas por um *smartphone* e transcritas na íntegra, resultando em 7 páginas digitadas no Programa Microsoft Word®, em fonte Times New Roman, com espaçamento entrelinhas de 1,5 centímetros. Para garantia do anonimato, os participantes foram codificados com a letra “A” do termo “acadêmico”, seguida de números arábicos referente a ordem de participação e um arranjo alfanumérico

correspondente ao semestre em curso: A1 - 2ºSEM, A2 - 6ºSEM, A3 10ºSEM; sucessivamente.

Os dados coletados foram analisados à luz da análise de conteúdo, modalidade temática proposta por *Bardin*, que desdobrou-se em três etapas: i) pré-análise, ii) exploração dos dados e iii) tratamento dos resultados por inferência e interpretação; e as informações foram apresentados por meio de categorias e citações textuais⁸.

Foi solicitado consentimento informado dos alunos, permitindo, inclusive, a publicização das fotografias produzidas. O estudo atendeu todas as diretrizes da Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Apucarana (CEP-FAP), sendo aprovado mediante o CAAE 52320021.1.0000.5216 e parecer 5.037.504, em 14 de outubro de 2021.

3. RESULTADOS

Dos 34 participantes do estudo, 29 eram do gênero feminino (85%) e cinco do masculino (15%), com predominância da faixa etária dos 23 a 27 anos entre 14 participantes (41%). Destes, 29% informaram que trabalham mais de 30 horas semanais, 24% informaram que trabalham menos de 30 horas semanas e 47% referiram não trabalhar. A renda de 1 a 3 salários-mínimos foi assinalada por 16 participantes (47%) e apenas 1 informou a remuneração de 9 a 12 salários-mínimos (3%). Em relação ao período de graduação, 14 estavam matriculados no 10º e 6º semestre, e seis no 2º semestre, representando 41% e 18% respectivamente. Apenas 3 participantes possuíam outra graduação (9%) e 53% tinham bolsas de estudo ou financiamento.

Foram produzidas 34 fotografias pelas lentes dos acadêmicos de enfermagem, das quais, cada grupo focal elegeu apenas uma para representar a concepção coletiva sobre o tema. Destas, cinco imagens foram selecionadas para compor as três categorias de análise deste estudo: a parte mais importante da enfermagem é a prática; contribuições do modelo remoto emergencial para o ensino de enfermagem; e dificuldades sentidas por discentes e docentes durante o ensino remoto emergencial.

3.1 A parte mais importante da enfermagem é a prática

Embora o ensino remoto tenha sido adotado como uma alternativa temporária para evitar riscos pedagógicos e prejuízos aos setores brasileiros e de outros países, os

acadêmicos de enfermagem mencionaram que a instituição utilizou as ferramentas digitais para evitar colapsos e falência.

Eles tentaram solucionar com uma solução falha, uma vez que o aprendizado é reduzido. Vamos usar uma metáfora: “eles taparam o sol com a peneira”. Os alunos não estavam aprendendo e eles colocaram uma máscara falando “vamos fingir que todos estão aprendendo”. O que eu vejo é um sistema que usou do mecanismo a distância para não falir. Ele utilizou do mecanismo digital para que ele não colapsasse. (A8 - 6ºSEM)



Figura 1. Materiais utilizados em aulas práticas

Essa alteração no modelo de ensino prejudicou a carga horária prática do curso, referida como uma parte indispensável do curso e relevante para a formação acadêmica e carreira profissional, que precisou ser substituída por videoaulas instrutivas e recursos tecnológicos.

A enfermagem é muita prática, muito tato, então foi um pouco difícil para gente, porque só teve teoria. (A3 - 2ºSEM)

Perdemos bastante contato com a parte prática, que é essencial para o curso de enfermagem, e os professores voltaram a ser protagonistas no ensino. (A1 - 6ºSEM)

A enfermagem é praticamente 100% prática, e para entrar depois que acaba a faculdade em outro local, e você não ter essa mão na prática que a gente não teve, a pessoa acaba demorando um pouco mais para aprender, e muitas das vezes acaba aprendendo da forma errada, porque quem está dentro de um hospital, onde tudo é muito corrido, ele não tem tempo que um professor tem para ensinar. Ele vai ensinar do jeito que ele conseguir, na hora que ele conseguir e da forma que ele conseguir. (A14 - 6ºSEM)

Mas as consequências desta pandemia, a gente só foi ver a hora que a gente chegou no hospital. (A3 - 10ºSEM)

Os acadêmicos de enfermagem se sentiram impossibilitados de frequentar os espaços de aprendizagem, como o laboratório de práticas de enfermagem, e a suspensão temporária das aulas práticas foi o prejuízo mais apontado, quando questionados sobre o ensino remoto presencial. Essa realidade foi sentida, sobretudo, pelos acadêmicos matriculados no décimo semestre do curso, por ser um período predominante para o estágio curricular.

A enfermagem tem que colocar a mão para poder sentir. Como que vai sentir um pulso on-line? Não vai. Como vai aferir uma pressão on-line? Não vai. Então daí é nesse sentido, que eu acho que para a enfermagem on-line não dá. (A4 – 2ºSEM)

A parte prática é a mais importante da matriz curricular, que no momento da pandemia não pudemos ter. Não que as aulas teóricas não sejam importantes, mas, é necessário que ambas caminhem juntas. (A5 - 6ºSEM)

Fundamentos I e fundamentos II você tem que aprender a fazer uma punção, aprender a passar uma sonda, a gente que passou pela parte prática na faculdade, a gente sabe o quanto é importante ter uma aula presencial disto. É basicamente impossível você aprender algo assim em um vídeo. (A3 - 10ºSEM)

Nós que não tínhamos nenhuma experiência na área, a gente foi ver pela primeira vez nos estágios, então a gente tinha que fazer, foi assim que foi e é assim que está sendo até hoje. (A12 - 10ºSEM)



Figura 2. Boneco para prática do ensino

O distanciamento social foi o grande obstáculo para o processo de ensino e aprendizagem no período de pandemia e, em consonância com o ensino remoto

emergencial, modificou a mediação pedagógica e o relacionamento entre o aluno e o professor, causou prejuízos na carga-horária prática e do curso e provocou o desinteresse dos acadêmicos pelas aulas. O conteúdo dessas falas mostra que a modalidade adotada pode funcionar em alguns cursos, porém, para os cursos de saúde ela ainda é imatura e frágil.

Para mim não existe, não tem possibilidade nenhuma, é algo surreal, porque além de colocar a nossa dificuldade, você coloca a vida das outras pessoas que a gente vai atender em risco, e isso para mim não existe, é inaceitável. (A3 - 10ºSEM)

O ensino remoto na enfermagem realmente não funciona, você precisa ver uma explicação muito certinha, você precisa de exemplos. E acaba que online você não consegue fazer certinho, você dá um exemplo meio vago, e acaba que muitos ficam com vergonha de tirar as dúvidas. (A6 - 10ºSEM)

O ensino remoto para a área da saúde ele não é adequado, principalmente por causa das aulas práticas. Acho que a aula presencial em si, é bem mais produtiva e a gente acaba aprendendo mais. (A9 - 10ºSEM)

Essa categoria corroborou o pensamento de que a enfermagem se constitui como uma das áreas da saúde que mais exige habilidades técnicas e senso crítico durante a formação, não só pela complexidade da profissão, como também, no sentido de minimizar a insegurança e prevenir possíveis danos à saúde, as quais não são passíveis de forma virtual ou televisionada, pois os pacientes e os problemas de saúde são reais.

3.2 Contribuições do modelo remoto emergencial para o ensino de enfermagem

O ensino remoto foi instituído com o objetivo de evitar prejuízos nos setores da educação e saúde, para atender um cenário emergente de suspensão de aulas presenciais e riscos de superlotação dos serviços de saúde, causado pelo número alarmante de contaminações. Apesar dos acadêmicos de enfermagem terem apontado, inicialmente, os pontos negativos deste modo de ensino, também foi possível identificar em suas falas as contribuições que o “remoto emergencial” teve durante a pandemia.

Particularmente eu acredito que foi muito bom eles pegarem esse ensino remoto, porque a gente não paralisou totalmente. Acho que essa foi a contribuição, não paralisar, não parar tudo. (A5 - 2ºSEM)

[...] O ano letivo não ficou parado, contribuiu para que a gente não ficasse parado no tempo, e pelo menos as matérias que eram bem mais teóricas, a gente conseguiu desenvolver bem. (A14 - 6ºSEM)

[...] O ensino remoto ele foi uma maneira emergencial para a gente continuar estudando. O que contribuiu foi isso, a gente não perder tempo. (A7 - 10ºSEM)

[...] *A gente tem que lembrar do principal, que essa foi a forma encontrada da gente não perder o ano, e não ter que levar a faculdade mais para frente.* (A13 - 10ºSEM)

A mudança para o modelo remoto possibilitou aos acadêmicos darem continuidade em seus estudos, utilizando de recursos como a internet e da plataforma *moodle*, que se destacaram pela facilidade de acesso aos materiais didáticos e videoaulas a qualquer momento do dia. Um aspecto importante a considerar é de que estudar no próprio lar também foi mencionado como ponto positivo, mesmo que para alguns tenha sido um desafio.

A gravação das aulas é superimportante para a gente poder rever depois. Acho que o maior benefício é esse, você ter a oportunidade de ver depois esse material. As ferramentas da internet, o moodle ajuda bastante, o material fica todo lá, então fica mais fácil o acesso. (A6 - 6ºSEM)

[...] *O material fica disponível, a gente tem acesso com mais facilidade porque fica para a gente assistir a aula, rever novamente e relembrar o que o professor ensinou em sala.* (A5 - 6ºSEM)

[...] *Tem a vantagem de você estar em casa, de você ter a aprendizagem mais tranquila.* (A24 - 2ºSEM)

[...] *Esse é o ponto positivo, essa disponibilidade de você poder ter acesso a aula no local onde você estiver.* (A5 - 10ºSEM)

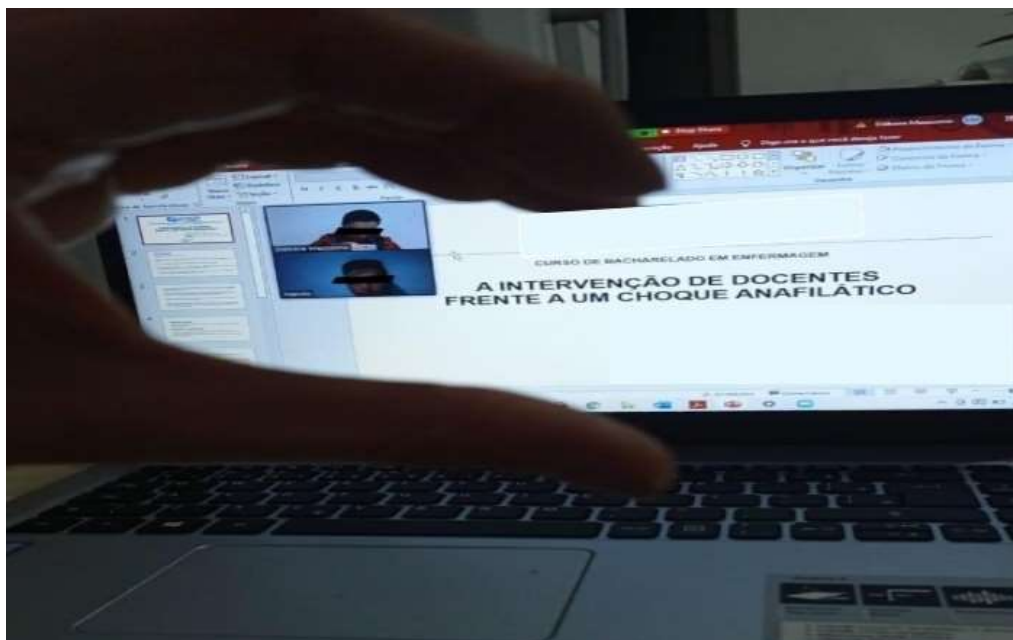


Figura 3. Notebook para interação e aprendizado

Os achados desta categoria foram mostraram que o ensino remoto, adotado emergencialmente para atender o distanciamento de alunos e professores, não foi uma mudança da modalidade de ensino e tampouco substituirá o modelo presencial, mas serviu

de apoio para precisões emergentes de uma comunidade e continuidade de suas atividades de ensino dentro das circunstâncias possíveis.

3.3 Dificuldades sentidas por discentes e docentes durante o ensino remoto emergencial

O cenário de pandemia desencadeou mudanças repentinas no método tradicional de ensino, à medida em que passou a incorporar tecnologias e dispositivos eletrônicos como alternativa de continuidade do ensino presencial, e trouxe dificuldades na adaptação e dinâmica de estudo, já que muitos acadêmicos não possuíam habilidades, como se pode constatar nos seguintes registros:

[...] O mais difícil mesmo é a parte da tecnologia, eu não entendo muito bem. Então assim, para eu entender como entra, como faz, como manda, como cola de um lugar para o outro eu tive bastante dificuldade. (A4 - 2ºSEM)

[...] Nós alunos não estávamos acostumados a assistir aula de forma remota, através de uma tela de computador. Tivemos que nos adaptar a uma nova rotina, trocamos a carteira escolar, caderno e o quadro negro, por notebook, slides e impressões. (A5 - 6ºSEM)

[...] Eu tenho muita dificuldade, muitas das vezes não tem um instrumento bom, não tem uma rede boa para se comunicar, fora as dificuldades encontradas de saber acessar todas essas coisas. Ainda estou me familiarizando com tudo isso, porque eu sou de geração bem mais antiga, a gente vai se readaptando, se renovando, vai se reinventando. (A4 - 10ºSEM)

Se por um lado, o domicílio foi visto como um ambiente profícuo para estudar para um recorte dos participantes, por outro lado, ele foi referendado como desafiador para o processo de ensino e aprendizagem, já que os depoimentos revelaram dispersão e dificuldade de concentração devido às distrações características deste meio. Ainda, os participantes reforçaram que a sala de aula é um ambiente físico pensado e planejado para atrair a atenção do aluno.

Principalmente quem é casado, assim, um chama, o outro chama, um faz barulho, o outro faz barulho, então desfoca a atenção da gente. Então dentro da sala de aula você consegue prestar mais atenção, usufruir melhor do conhecimento. (A4 - 2ºSEM)

[...] Na sala de aula você está aqui só para isso, em casa tem várias coisas que podem interferir. (A10 - 6ºSEM)

Quando eu estava na faculdade eu conseguia me concentrar mais, agora em casa é bem complicado, moro com minha mãe e meus dois filhos, aí era o tempo inteiro me chamando, aí se eles não estavam brigando, queriam comer toda hora e daí era um caos. (A2 - 10ºSEM)

[...] O ambiente escolar, o ambiente da faculdade, é planejado para você

manter o foco, independente do que aconteça você mantém o foco no professor. (A3 - 10ºSEM)



Figura 4. Adaptação a equipamentos e tecnologias

Além do espaço físico, a exposição do conteúdo e a instrução dos acadêmicos também enfrentaram dificuldades com o ensino remoto emergencial, não só devido as tecnologias e os dispositivos eletrônicos adotados para a interrupção dos estudos, mas, principalmente, por causa do curto prazo para mudança do modelo de ensino e da inaptidão com a funcionalidade de alguns programas e plataformas, como salientado por alguns participantes.

[...] Houve uma dificuldade assim, de tentar passar o conteúdo, porque uma coisa é você falar olhando para a pessoa, outra coisa é você falar olhando para uma tela de computador. O professor ele tinha dificuldade em compartilhar a tela, compartilhar o conteúdo, tudo tinha uma dificuldade né, porque era tudo novo. (A4 - 2ºSEM)

[...] Eles são professores, mas também são profissionais. Eles tiveram que trocar todo o material que já tinham no projeto, a carga horária deles duplicaram, só que eles também não ganharam por isso. Eles tiveram que disponibilizar uma parte muito maior do seu tempo, e acabou que eles estavam cansados, porque eles tinham o horário de almoço, mas tinham que montar o material para dar aula a noite. (A12 - 6ºSEM)

[...] Teve professores que tiveram que se reinventar na parte de gravar aula, porque a maioria não estava acostumado com isso, não tinha lugar para poder gravar essa aula, então a maioria teve que gravar no quarto de casa ou na cozinha. Eu vi que isso foi uma coisa que os próprios professores chegaram a reclamar, da questão de adaptação. (A3 - 10ºSEM)

[...] Os professores tiveram que aprender a entrar na plataforma, a criar reuniões, enviar os links para os alunos, tiveram que aprender a como iniciar e compartilhar uma apresentação de slides, bem como gravarem as aulas, adicionarem essas aulas gravadas em outra plataforma, para ficar disponível para que o aluno que não participou da aula tivesse acesso. (A13 - 10ºSEM)

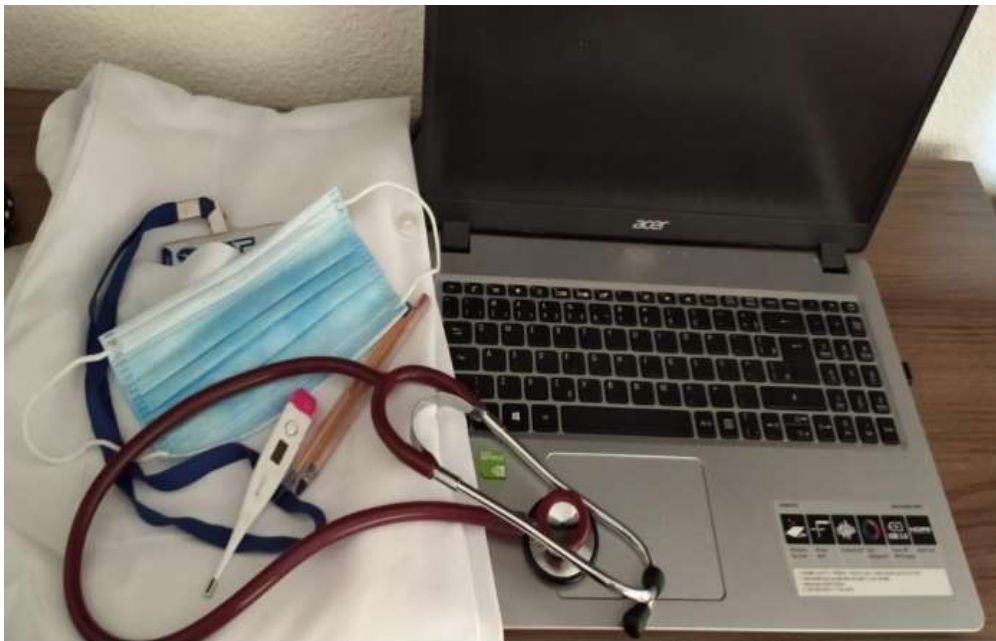


Figura 5. Aulas práticas expositivas on-line

A interação entre professores e alunos no remoto emergencial aconteceu de forma fragmentada, contrária ao modelo presencial, e levou-os a reinventarem a maneira de ministrar aulas e de aprender sobre o conteúdo. Essa realidade ficou ainda mais clara diante dos depoimentos a seguir.

A gente acabava ficando com dúvida e não perguntava, principalmente quando eram turmas unificadas, que você não conhecia, não tinha aquele contato, aquela interação com os alunos, acabava ficando com dúvida para não interromper a aula. No presencial não, o presencial você acaba convivendo com a pessoa toda semana e acaba criando um vínculo e começa a ter mais liberdade. (A12 - 6ºSEM)

Quando está remoto o professor não conhece o aluno, quando está presencial o professor está vendo o aluno, aí acaba criando um elo, o professor ajuda o aluno e o aluno ajuda o professor, o presencial une os dois. (A4 - 2ºSEM)

Alguns professores novos nós conhecemos no ano da pandemia, e a gente nunca viu pessoalmente e não teve contato, que é tudo aquilo que a gente cria dentro da sala de aula. É o professor conhecer o aluno e a gente poder conhecer o professor, e criar aquele vínculo. Acho que isso deixa a gente muito na defensiva para poder tirar dúvidas, para querer se aproximar mais, querer compartilhar do conteúdo, compartilhar nossas experiências, participar mesmo da aula. (A5 - 10ºSEM)

Os depoimentos desta categoria revelaram que as dificuldades do ensino remoto emergencial foram sentidas tanto pelos professores - que tiveram que converter o conteúdo e ministrar a prática do curso em um “novo formato” e fazer uso de estratégias para reter a atenção do aluno - quanto pelos alunos - pelo comprometimento redobrado e disposição para se conectarem diariamente.

4. DISCUSSÃO

A substituição das aulas presenciais para o modelo remoto emergencial foi autorizada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio da Portaria N.º 343 de 18 de março de 2020 com o intuito de promover o distanciamento social e reduzir os riscos de propagação e contaminação pelo vírus. Essa mudança desencadeou uma rápida reestruturação do processo de ensino e aprendizagem, com a adoção de tecnologias de informação e comunicação no ensino de enfermagem que, *a priori*, foi recebida com resistência pelos acadêmicos deste estudo^{9,10}.

O advento da pandemia, coadunado a suspensão das aulas presenciais e a inserção do ensino remoto emergencial, afetou todo o sistema educacional brasileiro e trouxe prejuízos significativos ao aprendizado. Neste cenário, docentes e alunos tiveram que se adaptar a uma realidade de ensino híbrido, na medida em que trocaram o giz, a lousa e o ambiente de ensino pelo computador, videoaulas e ambiente familiar. Embora adotado temporariamente, este modelo de ensino é visto como inadequado para a aquisição de habilidades e competências práticas, sobretudo na enfermagem, devido a demanda aulas de práticas para que os alunos desenvolvam técnicas indispensáveis ao exercício da profissão^{11,12}.

A adesão ao ensino remoto emergencial serviu para reforçar o pensamento de que o ensino de enfermagem a distância é uma afronta a qualidade do modelo presencial e aos órgãos competentes que, nos últimos anos, vem mobilizando campanhas nacionais de oposição. Em 2022, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) recorreu à justiça contra as portarias 800, 801 e 802 do MEC que autoriza a formação de técnicos e enfermeiros à distância, visto que a enfermagem requer habilidades teóricas e práticas que não podem ser adquiridas sem o contato direto com professores, pacientes, equipamentos de saúde, dentre outros¹³.

Na prática, as instituições de ensino e professores adotaram recursos e técnicas pedagógicas com o intuito de estimular a confiança, competência e comprometimento dos

futuros profissionais com o ensino, como no caso das tecnologias de informação e comunicação, utilizadas como ferramenta contribuinte para a formação em enfermagem em tempos de pandemia. Essas tecnologias formam um conjunto de recursos que, quando mediadas e integradas entre si, possibilitam aos acadêmicos o acesso à informação e a construção do próprio conhecimento¹⁴.

O uso de computadores, celulares e a internet foram as principais ferramentas para acesso à informação e estudo. A expansão da internet, além de revolucionar a forma com que as pessoas se comunicam e relacionam, vêm se demonstrando cada vez mais relevante e necessária para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Deste modo, as tecnologias e a internet possibilitaram a continuidade das aulas no formato *online*, não só evitando interrupções ou atrasos ano letivo, como também, garantindo segurança para professores e alunos¹⁵.

Apesar de toda a resistência manifesta pelos acadêmicos deste estudo, o ensino remoto emergencial proporcionou uma maior flexibilidade para os estudantes, uma vez que, possibilita o aprendizado em horários convenientes, desde que haja acesso à internet. No que se refere a aprendizagem, esse formato de ensino desencadeou melhorias nas habilidades dos estudantes, na medida em que incentivou a autossuficiência, levando-os a desenvolver habilidades de raciocínio lógico e resolução de problemas¹².

Como esperado, também foram encontradas dificuldades durante o ensino remoto emergencial, dentre elas, a falta de preparo para manusear tecnologias e navegar em ambientes de aprendizagem, que tornaram a adaptação ao ensino remoto emergencial um tanto quanto desafiadora. Alguns acadêmicos relataram problemas de falta de concentração durante as aulas remotas, o acesso limitado a internet e dificuldades em se adaptarem a novas tecnologias, não só entre os alunos, como também, entre os professores.

O que se pôde observar foram as mudanças emocionais e comportamentais decorrentes da não adaptação à nova realidade, em virtude do aprendizado à distância, da necessidade de conciliação entre família/trabalho/estudo, da ansiedade e do medo de infecção pelo vírus e, conseqüentemente, contaminação de seus familiares, interferindo diretamente no desempenho acadêmico. Em consonância, há de se considerar sentimentos de raiva e receio pela falta de domínio dos recursos tecnológicos, falta de concentração durante as aulas online devido a ambientes inadequados para estudo e o

medo de precisar interagir nas aulas online como potencializadores de estresse e depressão, e que dificultam o processo de ensino-aprendizagem¹⁶.

Os resultados deste estudo permitiram reconhecer algumas fragilidades do ensino remoto emergencial, como: as dificuldades com o uso de plataformas digitais - devido a conexão instável, falta de acesso à internet ou quedas de energia durante as aulas ao vivo; os ambientes inadequados para o estudo - ambiente domiciliar e seus fatores de distração (celular, televisão e, até mesmo, comunicação familiar); e a ausência das aulas práticas – que complementa o conteúdo trabalhado por meio da teoria propiciando o exercício do conhecimento; que podem acarretar prejuízos no processo de aprendizagem de cada indivíduo¹⁵.

A falta de interação entre o aluno e o professor também foi mencionada no decorrer das entrevistas e representa uma certa dificuldade para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que impossibilita o debate do conteúdo e o esclarecimento de dúvidas. O cenário de pandemia, no qual o ambiente online tornou-se predominante no cotidiano acadêmico, despertou a necessidade de reestruturar as metodologias de aprendizado específicas do ambiente físico para o ambiente virtual de ensino, como forma de prevenir danos e prejuízos, mantendo as aulas em dias, horários e formatos semelhantes as ministradas presencialmente¹⁵.

Dentre as metodologias de ensino utilizadas pelas instituições e professores destaca-se o uso de aulas expositivas com vídeos didáticos sobre a temática da aula; debates e discussão de casos clínicos; avaliações virtuais com questões objetivas e dissertativas complexas, já que os alunos não estariam presencialmente e com a supervisão do professor, podendo, então, utilizar os materiais e recursos bibliográficos; elaboração de mapas mentais e resolução de casos clínicos para uma melhor fixação do conteúdo; apresentação de seminários e resolução de atividades^{11,14}.

A mudança emergencial para o ensino remoto exigiu grandes adaptações, disciplina, foco, concentração e autonomia das instituições e seus partícipes. No entanto, a remissão dos casos e a melhoria contínua da pandemia, devido ao melhor conhecimento sobre a doença e a implementação de medidas de combate e controle, trouxe à tona uma nova realidade de se preparar para o retorno das aulas presenciais em todos o âmbito educacional, demonstrando que as dificuldades, por maior que sejam, foram enfrentadas e superadas^{11,17}.

O ensino remoto emergencial foi um desafio para os acadêmicos de enfermagem e, *a posteriori*, a retomada das aulas presenciais também não foi um processo fácil, pois, além da necessidade de readaptação ao modelo presencial a comunidade acadêmica vivenciou sentimentos de insegurança, medo e incerteza frente as novas variantes do vírus que foram surgindo. O retorno à sala de aula seguiu um plano de retomada e protocolos rigorosos de biossegurança, que ainda perduraram por um vasto período, considerando a necessidade de minimizar a disseminação e infecção pelo vírus¹⁸.

A pandemia contribuiu com a instabilidade emocional provocada pelo stress e pelo medo; com o desinteresse pelo ensino devido à falta de rotina imposta pelo formato remoto; com o stress docente ao fazer os alunos cumprirem com os protocolos de segurança; com as lacunas na aprendizagem e a necessidade de resgatar conteúdos; o que requer intervenções imediatas. Em contrapartida, a retomada possibilitou a aprendizagem e novas oportunidades, como a possibilidade de aproveitar métodos utilizados nas aulas remotas no formato presencial, contribuindo significativamente com o processo de ensino e aprendizagem¹⁹.

Deste modo, para além do findar desta emergência sanitária global, os depoimentos dos acadêmicos de enfermagem e os resultados alcançados trazem à tona a relevância em acolher os alunos, professores e colaboradores de maneira a promover seu bem-estar biopsicossocial, visto que a pandemia provocou sequelas e traumas sensíveis, como a perda de entes queridos que, a longo prazo, certamente terão impactos em nossa sociedade^{18,19}.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, a partir da análise dos dados coletados, que o ensino remoto emergencial e a utilização de tecnologias contribuíram com o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia, pois possibilitou aos acadêmicos de enfermagem a continuidade dos estudos. Embora adotado por tempo determinado, o modelo *online* apresentou algumas fragilidades, dentre as quais se destacaram a dificuldade de adaptação e falta de concentração, a pouca interação entre aluno e professor e a impossibilidade de realização de aulas práticas devido ao isolamento social, que se acentuaram sobretudo no início do novo formato.

Esse modelo de ensino difere da educação à distância, cuja qual têm sido amplamente discutida no âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação em

enfermagem, em virtude de seu caráter emergencial e transitório. Se as aulas práticas por si só foram as mais afetadas pelo distanciamento social adotado na pandemia, a experiência acadêmica com o ensino remoto neste período serviu de reflexão e base para o desencorajamento do ensino à distância em enfermagem, uma vez que foi possível compreender que a profissão não se restringe ao virtual, mas sim, a aquilo que possui corpo e forma.

O fato de ter sido realizado com apenas um curso de uma única instituição de ensino induziu limitações ao estudo, no entanto, expõe importantes informações acerca do ensino remoto emergencial com o processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia. Espera-se, com este estudo, que os discursos de um recorte de acadêmicos sejam motivadores de incursões reflexivas em direção a desencadear novos estudos acadêmicos como um nascedouro de boas práticas envolvendo outras realidades e outros atores sociais.

REFERÊNCIAS

1. Xavier AR, Silva JS, Almeida JPCL, Conceição JFF, Lacerda GS, Kannan S. COVID-19: manifestações clínicas e laboratoriais na infecção pelo novo coronavírus. *J. Bras. Patol. Med. Lab.* (Online). 2020. 56: 1-9. Disponível em: scielo.br/j/jbpm/a/PrqSm9T8CVkPdk4m5Gg4wKb/?format=pdf&lang=pt
2. Almeida-Junior S de, Kairala RCOM, Pereira AG, Costa GB da, Cruz RCR, Souza-Junior JR de. COVID-19 e a infecção por SARS-CoV-2 em um panorama geral. *Braz. J. Hea. Rev.* 2020. 3(2): 3508-3522. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9101/7732>
3. Ministério da Saúde (BR). Informes Semanais Covid-19. Covid-19: situação epidemiológica do Brasil até a SE 36 de 2023. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-semanais-covid-19/covid-19-situacao-epidemiologica-do-brasil-ate-a-se-36-de-2023>
4. Vieira MF, Silva CMS da. A educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. *RBIE.* 2020. 28: 1013-1031. Disponível em: <http://milanesa.ime.usp.br/rbie/index.php/rbie/article/view/v28p1013/6750>
5. Castaman AS, Rodrigues RA. Educação à distância na crise COVID-19: um relato de experiência. *Res. Soc. Dev.* 2020. 9(6): 1-26. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3699/3909>
6. Ferreira DR, Rissi GP, Florindo JCOCS, Oliveira-Junior IB de, Higarashi IH. Doação e transplante de órgãos e tecidos: concepções de adolescentes escolares pelo uso do

Photovoice. Arq. ciências saúde UNIPAR. 2023. 7(4): 1633-1655. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/9618/4643>

7. Araujo L, Figueiredo M, Amante MJ, Ribeiro E. As potencialidades do *Photovoice* enquanto metodologia participativa na formação de Educadores Sociais. Rev. Est. Inv. Psico y Educ. Extr.(6): 72-75. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2015.0.06.198>

8. Bardin L. Análise de conteúdo. 1ª ed. São Paulo: Edições 70. 2016.

9. Ministério da Educação (BR). Gabinete do Ministro. Portaria Nº 329 de 11 de março de 2020. Institui o Comitê Operativo de Emergência do Ministério da Educação - COE/MEC, no âmbito do Ministério da Educação. Diário Oficial da União [Internet]. Brasília: DF. 2020. 49: p. 165. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-329-de-11-de-marco-de-2020-247539570>

10. Lima SPN, Santos MBL dos, Costa KS da S, Passos FS, Silva BA da, Santos M das DM de A, et al. Desafios do processo ensino aprendizagem frente à pandemia do novo coronavírus. Res. Soc. Dev. 2021. 10(1): 1-11. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11741>

11. Gabriel N da S, Marçal GA, Imbernon RAL, Pioker-Hara FC. O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. Terrae Didat. 2021. 17(e021005): 1-13. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8663375/26252>

12. Costa JB da, Melo KC, Chaves JN, Silva ML da, Barboza L da CA, Dourado PV, et al. Entraves e benefícios na utilização do ensino remoto para os acadêmicos do curso de enfermagem durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa. Res. Soc. Dev. 2022. 11(1): 1-18. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24883>

13. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Cofen rejeita portarias que permitem graduação a distância em Enfermagem. [Internet]. Brasília: DF. 2022. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/cofen-rejeita-portarias-que-permitem-graduacao-a-distancia-em-enfermagem/>

14. Lobo ASM, Maia LCG. Ouso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. Cad. Geografia. 2015. 25(44): 16-26. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/9056/8055>

15. Franco LMV de A, Bergamin ICS, Cadorin ES. Desafios contemporâneos no processo de ensino e aprendizagem remota em tempos de Covid-19: relato de experiência. DêCiência em Foco. 2023. 5(1): 177-192. Disponível em: <https://revistas.uninorteac.edu.br/index.php/DeCienciaemFoco0/article/view/124>

16. Silva AVV da, Santos H dos R, Paula LH de. Os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia nos cursos de graduação. Anais VII CONEDU. [Online]. Campina Grande: Realize Editora. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/69222>

17. Bragiatto BL, Matta CMB da. Adaptação Acadêmica e Autoeficácia no Contexto da Pandemia COVID-19. Anais do 12º Seminário Mauá de Iniciação Científica. São Paulo: Editoria Escola de Engenharia Mauá. 2021. Disponível em: <https://maua.br/files/122020/adaptacao-academica-autoeficacia-contexto-pandemia-covid-19-151501.pdf>
18. Quintino AS de S, Antunes Neto JN, CORREA J. Ensino remoto emergencial (ERE) em pauta pensar os desafios de enfrentamento à retomada das aulas presenciais na pandemia. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia - Online. 10(1): 1-8. Disponível em: <https://ciltec.anais.nasnuv.com.br/index.php/CILTecOnline/article/view/774>
19. Almeida PR de, Luz CBS, Hun HS, Fossatti P. Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. Rev. Actual. Investig. Educ. 2021. 21(3): 1-26. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-47032021000300275&script=sci_arttext